

190

Vídeo prova invasão à terra dos Araras

CARLOS MENDES

O inquérito que apura a responsabilidade pela invasão das terras dos índios Arara, na rodovia Transamazônica, esbarrou numa dificuldade: todos os denunciados pelo padre Diego Pelizzari têm apresentado algum tipo de alibi ao delegado Paulo Lola, da Polícia Federal de Santarém, negando qualquer envolvimento. "Estamos ainda na fase de depoimentos, mas com certeza haverá alguma alteração nesse inquérito", declarou o delegado. Quem pediu a abertura do inquérito, após tomar conhecimento da denúncia feita pela Prelazia do Xingu, foi o sub-procurador-geral da República, Haroldo Ferraz da Rocha.

Os primeiros a depor declararam não saber de nada, visto ou ouvido qualquer articulação de pessoas ou grupos para entrar na reserva indígena, roubar madeira ou vendê-la aos comerciantes da região. "Temos 30 dias para concluir o inquérito, mas se precisar, peço prorrogação para efetuar novas diligências e descobrir onde está a verdade", afirmou Paulo Lola.

A PF tem em seu poder uma fita de vídeo onde aparecem dezenas de pessoas dentro da área indígena. "Essa fita pode esclarecer algumas dúvidas, porque mostra gente reunida e aspectos da invasão. Preciso ouvir todo mundo, tanto acusadores como acusados, porque a missão da Polícia Federal é de neutralidade nesse caso", argumentou.

O delegado, que saiu num jipe, semana passada, de Santarém em companhia de um agente, dirigindo ele próprio o veículo pela rodovia Transamazônica até Altamira, disse que, no trajeto "deu apenas uma olhada na reserva dos Arara", adiantando que pretende voltar à área para realizar "novas investigações".

Padre viajou - O autor da denúncia ao ministro da Justiça, Nelson Jobim, sobre a invasão à reserva indígena dos Arara não se encontrava em Altamira quando o repórter de O LIBERAL lá esteve. "O padre Diego viajou para o Maranhão e não tem dia certo para retornar", informaram na Prelazia do Xingu. Quem falou por ele foi Tarcísio Santana da Silva, membro da Pastoral do Xingu e do Conselho Indigenista Missionário da Regional Norte-2. "É uma situação bastante complexa, provocada pela liminar do juiz Daniel Paes Ribeiro, da Justiça Federal, que beneficiou 20 pessoas com uma reintegração de posse", definiu.

A decisão do juiz, para Tarcísio, animou outros colonos a ocupar a reserva dos índios demarcada pelo governo. "A Polícia Federal deveria ir lá, porque os Arara podem perder suas terras", alertou. Ele aponta o interesse no mogno como respon-



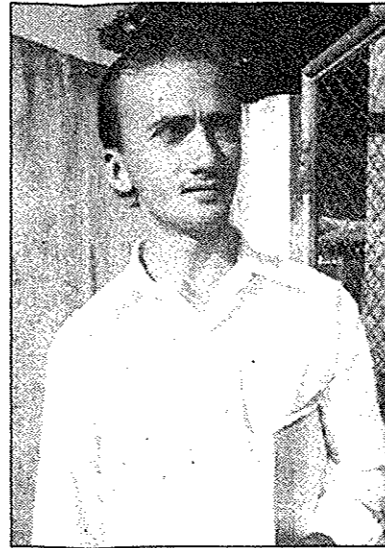
Motivo de cobiça, a terra dos índios Araras foi alvo de mais uma tentativa de invasão



Paulo Lola, da PF: prorrogação



Tarcísio: liminar animou colonos



Wanderley: nega envolvimento

sável pela cobiça na terra dos índios e revela que, ano passado, 140 toras dessa madeira foram derrubadas e vendidas para a madeireira Jaó. Os 95 índios que vivem nas três aldeias, garantiu, perderam a tranquilidade após a invasão. Tarcísio calcula em 100 pessoas o número de invasores. "Elas estão preparadas para acampar e iniciar o plantio, ocupando definitivamente a área",

prevê. **À vontade** - Quando entregou a fita de vídeo à Polícia Federal, mostrando a invasão na reserva dos Arara, em Medicilândia, o professor Valderley Ferreira dos Santos, 29 anos, sequer imaginou que ele próprio poderá ser um dos indiciados. Na fita, Vanderley aparece muito à vontade entre os colonos, parecendo líder, segundo entendimento da



Os índios têm uma reserva de mais de um milhão de hectares

Acusados negam envolvimento

"Não conheço quem invadiu e também não mandei invadir terra de índio nenhum", afirmou Mário Russo, suplente de vereador de Medicilândia, morador há 17 anos da região. Ele disse "conhecer profundamente a questão indígena", porque coordenou o projeto de colonização da Cotrijui, até 1981. A terra foi entregue aos índios quando o projeto fracassou. Mário Russo confessou estar indignado com o envolvimento de seu nome como um dos incentivadores da invasão à reserva, adiantando que irá processar o padre Diego por crime de calúnia.

Ele estranhou a denúncia da Prelazia, esclarecendo que sempre manteve com a Igreja Católica um bom relacionamento e ajudando-a quando procurado. "Não sei de onde o padre foi tirar essa acusação e nem porquê ele está fazendo isso", resumiu.

Área abandonada - O lavrador Jovino Elias da Silva, um maranhense que há seis anos "corre atrás de terra para morar", foi enfático ao repórter: "pode botar aí no jornal que, se derem sopa, eu vou invadir. Chega de ficar sendo expulso". Jovino já andou por Marabá e Xinguara, mas foi obrigado a fugir da região para não ser morto. Ele ocupava um lote atrás de uma grande fazenda. O dono entrou com a reintegração de posse na Justiça e ganhou.

Jovino tentou entrar na área dos Arara, no travessão 88, mas foi aconselhado a desistir, porque já havia gente lá dentro brigando por um pedaço de terra. "Não sei pra que o governo dá tanta terra para meia dúzia de índios", atacou.

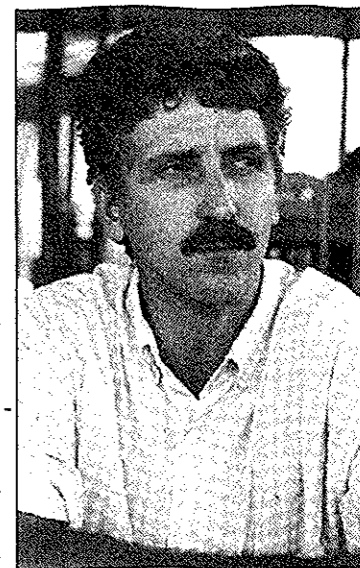
Mentiras - Acusado pelo padre Diego Pelizzari de incentivar e organizar a invasão da reserva dos índios Arara-Ukaranmã, o prefeito de Medicilândia, João Batista Barbieri, se diz "surpreendido com essa mentirosa denúncia", garantindo desconhecer qualquer liberação de terra naquela reserva. "Meu advogado já entrou na Jus-

tiça com um processo contra o padre para que ele prove suas acusações", anunciou. Barbieri vê na denúncia uma intenção "puramente política" e afirma nunca ter visto pessoalmente o padre Diego.

Os problemas, segundo o prefeito, começaram a partir de 1991, quando o governo reconheceu a área de 235.600 hectares como reserva indígena. "Antes dessa data, aquilo era uma reserva florestal", frisou Barbieri, explicando que, na dúvida se a área seria ou não dos índios, algumas pessoas nela entraram. Antes que a terra fosse demarcada, porém, a Polícia Federal retirou os invasores. "Digo sempre ao povo que me procura, que a situação, hoje, é quase irreversível, porque o decreto teria que ser revogado pelo atual governo passando antes pelo Congresso. Acho muito difícil o governo anular sua decisão", admite.

Riqueza e cobiça - Barbieri reconhece que a terra dos Arara é muito rica em diversas espécies de madeira nobre, sobretudo mogno, muito cobiçado no mercado internacional, mas descarta que o interesse dos sem-terra seja a extração da madeira. "Eles querem a terra para plantar, por causa da fertilidade do solo", assinala. E sugere que, para não prejudicar os agricultores, o governo, se tiver bom senso, "deveria reduzir o tamanho total da reserva, que foi ampliada de 700 mil para mais de um milhão de hectares, chegando à fronteira de Mato Grosso".

Negando ser contra os índios, Barbieri revelou que os Arara sempre o visitam em sua residência em busca de ajuda. "Entrego camisas, sandálias, sabão, remédios e alimentos para eles, porque a Funai os abandonou há vários meses. Meu relacionamento com os Arara é muito bom", garantiu. O prefeito disse ainda, que jamais iria incentivar uma invasão nas terras dos índios, "sabendo que isso é ilegal". (C.M.)



João Batista: amigo dos índios

Padre está mal informado

O presidente do Sindicato dos Produtores Rurais de Medicilândia, Constance Trzeclak, apontado no relatório da Prelazia do Xingu como um dos grandes beneficiados pela ocupação das terras dos Arara por invasores e empresas madeireiras, diz já ter provado na Justiça Federal que a área, hoje disputada, esteja dentro da reserva indígena. "O padre Diego está mal informado", rebate. Constance também nega que esteja havendo derrubada de mogno por madeireiras, mas admite já ter "administrado um serviço da madeireira Jaó, a pedido de muitos colonos, mas para abrir uma estrada para nós".

Nessa área, que Constance alega ser de sua propriedade e não dos índios, o mogno não existe. "Nos travessões 75 e 80, que estão fora da reserva, não existe nenhum posseiro. Dizem que invadiram de Medicilândia para cima, onde a Funai garante estar a reserva dos

Arara", esclareceu. Na época da colonização da Transamazônica, segundo ele, havia uma polígono desapropriado com extensão de 50 quilômetros para cada margem da rodovia. "Não havia nenhuma reserva indígena ou florestal. Me admira muito que tenham mudado as leis".

Constance vai mais longe ao revelar que tanto ele, como os colonos da região, foram incentivados pelo ex-coordenador do Incrano Pará, Ronaldo Barata, pelo "dr. Antoninho, da Funai", e na presença de agentes da Polícia Federal, a plantar as lavouras, pois a área, que possuía o dobro do que é hoje questionado na Justiça, estava sendo negociada. "Tenho fita cassete gravada para provar o que digo", informou. Constance aplaude a decisão do juiz Daniel Paes Ribeiro, afirmando que ele apenas "fez justiça a quem merece". (C.M.)